

**NIEP
MARX**Núcleo Interdisciplinar de Estudos e
Pesquisas sobre Marx e o Marxismo

Marx e o Marxismo 2013: Marx hoje, 130 anos depois

Universidade Federal Fluminense – Niterói – RJ – de 30/09/2013 a 04/10/2013

TÍTULO DO TRABALHO			
Um líder e seu tempo – Fidel Castro: da luta anticolonial ao socialismo			
AUTOR	INSTITUIÇÃO (POR EXTENSO)	Sigla	Vínculo
Fernando Henrique Lemos Rodrigues	Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro	UFRRJ	Docente
RESUMO (ATÉ 20 LINHAS)			
<p>O legado de José Martí será fundamental para a articulação da resistência cubana à Ditadura de Batista nos anos 1950. Fidel Castro defenderá a Constituição de 1940 e a autodeterminação do povo cubano, cristalizada em bandeiras éticas, democráticas e nacionalistas. O Ataque ao Moncada (1953), a afirmação do Movimento 26 de Julho e o texto “A História Me Absolverá” permitirão a radicalização da postura de Castro e da luta política. O desembarque do Granma em 1956 e a instauração da guerrilha colocarão a situação de pobreza dos trabalhadores do campo – e seus desdobramentos – no cerne das preocupações. A Revolução “pelos humildes” ou “pelos pobres”, assim declarada em diversas ocasiões, está para além da retórica: constitui um verossímil registro das condições de gênese e desenvolvimento das transformações sociais em Cuba. A declaração do caráter socialista da Revolução e do marxismo-leninismo do Comandante-Em-Chefe, exatos cinco anos depois da chegada da embarcação, denotam a própria transfiguração do processo de mudança, a partir de desafios concretos que lançaram a Ilha contra os pilares da dependência e do subdesenvolvimento: o imperialismo e o latifúndio. Nosso trabalho busca dimensionar o papel da luta anticolonial e anti-imperialista, assim como do caráter nacional das reivindicações, na construção das condições objetivas e subjetivas que permitem o avanço da luta de classes para a construção do socialismo em Cuba. Análises do discurso e das ações políticas de Castro nos anos iniciais da Revolução Cubana permitirão aquilatar em que medida nação e socialismo se locupletaram e se contradisseram nesse processo.</p>			
PALAVRAS-CHAVE (ATÉ TRÊS)			
Anticolonialismo; Revolução Cubana; Fidel Castro			
ABSTRACT			
<p>The legacy of José Martí was decisive for the Cuban struggle against Batista in 1950. Fidel Castro defended the Constitution of 1940 and the self-determination of the Cuban people, through ethical, democratic and nationalist principles. The “Moncada Attack” (1953), the beginning of the “26th of July Movement” and the text “History Absolve Me” will set up the radicalization of Castro and his political battle. The landing of the Granma in 1956 and the establishment of “Guerrilla” set the poverty of rural workers - and their consequences - at the heart of concerns. The Revolution for “the humble” or “the poor”, stated on several occasions, is beyond rhetoric: it is a credible record of the conditions of genesis and development of social changes in Cuba. Five years after the arrival of the vessel, both the statement of the Socialist Revolution and Marxism-Leninism as the ideology of Castro denote the transfiguration of the change process. The pillars of dependence and underdevelopment – imperialism and large colonial land properties – have entailed a huge parameters change of the social struggle in Cuba. The article aims to scale the role of anti-colonial and anti-imperialist issues, as well as the national character of the claims, in the development of the objective and subjective conditions that allow the progress of the class struggle for the construction of socialism in Cuba. Analysis of discourse and political actions of Castro in the early years of the Revolution will allow understanding interactions and contradictions between nation and socialism in this process.</p>			
KEYWORDS			
Anti-Colonialism; Cuban Revolution, Fidel Castro			
EIXO TEMÁTICO			
Marxismo e América Latina			

Um Líder e Seu Tempo – Fidel Castro: da Luta Anticolonial ao Socialismo

*Fernando Henrique Lemos Rodrigues*¹

“O que fica difícil entender para quem não vive a experiência da Revolução é essa estreita unidade dialética existente entre o indivíduo e a massa.”

(Ernesto “Che” Guevara, 1965)

O final do século XIX marca o fim de uma longa etapa colonial na história de Cuba, assim como a troca de tutela: encerra-se o domínio espanhol e inicia-se o ciclo de dominação ianque. A transição para a etapa neocolonial, contudo, é marcada por um período de lutas no qual se destaca a atuação de uma elite ilustrada, cujo líder intelectual é José Martí. O poeta, político e revolucionário é o principal responsável pela ideologia de libertação que guia a luta na Ilha contra o decadente império espanhol.

A atuação destacada de Martí na condução estratégico-política das Guerras de Independência, iniciadas a partir do ano de 1895, deixou o indelével legado do pensamento anticolonial e anti-imperialista. São essas as forças motrizes do sentimento nacional que sobreviverá nos interstícios da sociedade cubana por toda a primeira metade do século XX, a despeito do subjugo estadunidense a que a Ilha esteve submetida. O nacionalismo deita suas raízes na necessidade de oposição à expansão dos EUA e de afirmação da soberania cubana, isto é, de exigência da formação de um estado nacional de caráter antagonista ao colonialismo da fase superior do capitalismo.

À época das Guerras de Independência, a elite cubana, do ponto de vista material, era uma classe de negócios dividida, *grosso modo*, entre: a) o tabaco e o açúcar, baseados no latifúndio e na exploração de uma população de imigrantes pobres da Espanha e de ex-escravos, recém-alforriados no ano de 1886; b) o comércio e as atividades vinculadas à urbanização. Ambos os grupos foram subordinados ao capital estadunidense, que consolidara suas posições após a invasão da Ilha, no período que vai de 1898 a 1902. A elite local demonstra, nesse processo, de um lado, sua debilidade política, militar e econômica e, de outro, o comportamento especulativo e arrivista, que culmina na associação ao capital estadunidense.

¹ Professor do Curso de Ciências Econômicas do Instituto Três Rios da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Membro do Grupo de Estudos de Pensamento Latino-Americano da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri. Doutorando em Economia no Instituto de Economia da Universidade Estadual de Campinas. Endereço eletrônico: fhlemos@gmail.com

Datada de 1903, a Emenda Platt – que garantia o direito de intervenção político-militar dos EUA na Ilha – consubstanciou-se no coroamento das exigências burguesas ianques e da subserviência das classes de negócios cubanas. Tratou-se da delimitação do Estado possível na situação neocolonial explícita: o guardião de um ciclo de negócios e o intermediador no controle de um território além-mar. Tais eixos nortearam a expansão dos EUA para toda a América Latina no século XX, com destaque para as ações mais explícitas e ousadas no Caribe e na América Central – em regra, com a utilização das forças armadas estadunidenses combinadas aos militares dos locais ocupados.

Foi a partir dessa articulação interna que se garantiu a subordinação do ciclo de negócios em Cuba às necessidades dos capitais provenientes dos EUA e de seus sócios menores, os membros da elite cubana. Para o sucesso dessa aliança, foi vital o aproveitamento do baixo custo de reprodução da força de trabalho na Ilha. A superexploração do trabalho e a degradação dos recursos naturais possibilitaram a geração de grandes excedentes, que puderam ser destinados, em sua maior parte, ao território ianque, na forma de rendas do capital e de importações de bens de diversas naturezas.

A existência material cubana ficou marcada por uma forte dualidade: relativa abundância no caso das elites e precariedade no caso dos trabalhadores. Cuba constituiu-se em um caso explícito de subdesenvolvimento sob o neocolonialismo gestado pelo imperialismo estadunidense. A dependência comercial e financeira em relação aos EUA garantiu a instauração de um circuito de negócios pujante o suficiente para atrair as internacionalizadas empresas ianques, vinculadas ao comércio (destaque para o açúcar) e aos serviços urbanos.

Esse ciclo de negócios estabelecido nos primeiros três decênios sofrerá forte abalo após a Crise de 1929. A Ilha conheceu o pior cenário para uma economia dependente: a ausência de financiadores. Os precários nexos mercantis internos não foram capazes de compensar a retração no *front* externo e a crise material avançou de maneira significativa, principalmente sobre os trabalhadores urbanos e rurais.

O cenário político em Cuba transformou-se ao longo do período de influência direta dos EUA. A emergência de grupos urbanos, nos interstícios da economia agrário-exportadora, apresentou demandas de difícil atendimento nos marcos de uma dominação baseada em expressiva drenagem de excedentes para os EUA. Foi esse o contexto da Ditadura de Gerardo Machado (1925-1933), que atravessou o último ciclo expansivo de preços do açúcar pré-1929, assim como o ponto mais baixo da Crise, respondendo às reivindicações sociais com o autoritarismo explícito.

As tensões acumuladas durante a Crise foram fundamentais para explicar a emergência de Fulgêncio Batista no início dos anos 1930 e a extinção da Emenda Platt (1933). Batista dominará a cena política cubana por todo o período que vai da deposição de Machado ao final da Segunda Guerra Mundial, sendo presidente entre 1940 e 1944. Trata-se de um período (1933-1944) de reciclagem da dominação ianque no território cubano: sai a tutela oficial e entra em cena a cooptação política.

Batista será o homem forte dos EUA no período de desagregação da ordem mundial. E após os governos de Grau (1944-1948) e Prío (1948-1952), voltou ao poder por meio do Golpe de 10 março de 1952. Nos dois largos períodos em que ocupou o poder, Fulgêncio Batista teve ação destacada na repressão aos movimentos de esquerda na Ilha e utilizou as forças militares locais para defender a aliança EUA-Cuba nos negócios neocoloniais. O tráfico de influência e as redes de corrupção lubrificavam os mecanismos de extração do excedente baseados na superexploração e na depredação dos recursos naturais cubanos, alastrando a pobreza e consolidando um quadro de ausência de perspectivas de transformação.

A oposição ao regime de subordinação externa e de segregação social teve de conviver com uma extrema dificuldade de estruturação. A ordem política neocolonial tratou a oposição com a mescla de cooptação, repressão e perseguição. Por sua vez, a esquerda internacionalista, liderada por teses stalinistas e com posições marcadas por extrema cautela e consentimento em relação à expansão imperialista ianque, tratou de sufocar iniciativas radicais.

No entanto, no período pré-1929, há de se destacar, pelas convicções, postura e atitudes, a figura de Júlio Antonio Mella, um dos fundadores do Partido Comunista Cubano. Combinando reflexão acadêmica e ações de organização política, Mella destacou-se por difundir o pensamento comunista e a prática revolucionária, sendo condenado ao exílio, no México. O jovem universitário foi o responsável pela junção do marxismo-leninismo ao resgate do gênio político-militar de Martí: planejou, contra as recomendações do Kremlin, a tomada de regiões estratégicas no Oriente de Cuba e a luta armada contra a Ditadura de Machado.

A morte de Mella, ainda no exílio, e o duro período de repressão, durante os períodos de Machado e da primeira hegemonia de Batista, representam uma derrota para as pretensões da juventude cubana, condenando uma geração ao ostracismo. Apenas no final dos anos 1940, com a constituição do Partido do Povo Cubano (PPC/Ortodoxo) e com a legalização do Partido Socialista Popular (PSP),

as forças de oposição conseguem mínimos espaços de representação. É de se notar que tais partidos se mostravam incapazes de liderar de forma efetiva um movimento de superação do regime neocolonial.

A personalidade política que irá irromper nos anos 1950 em Cuba – e mudará a história do país –, o jovem Fidel Alejandro Castro Ruz, estava nas fileiras do Partido Ortodoxo, tendo ação destacada dentro do que o próprio chamaria, poucos anos depois, de “Geração do Centenário do Apóstolo Revolução”. O advogado Fidel Castro havia sido um destacado líder estudantil e apoiava Eduardo Chibás, um denunciante da corrupção reinante na Ilha.

O suicídio de Chibás abalou o Partido Ortodoxo e o quadro político cubano no início dos anos 1950. Como agravante, assistiu-se a mais um Golpe de Estado, em 10 de março de 1952, que alçou Fulgêncio Batista ao comando do país com amplos poderes. A violação da então recente Constituição de 1940, que previa eleições no mesmo ano, demonstrava a fragilidade e a limitação dos conceitos de República e Democracia em Cuba.

Exatamente nesse contexto, Fidel empreende uma luta de oposição à Ditadura de Batista. O primeiro dos esforços concentra-se na contestação dentro da Ordem: recorre ao poder judiciário cubano, denunciando a violação constitucional ocorrida em 10 de março de 1952. A ação não obtém sucesso, mas é crucial para a legitimação de uma segunda etapa, a do enfrentamento aberto ao governo ilegal.

O dia 26 de julho de 1953 entra para a história de Cuba como o início da Revolução Cubana, a partir do ataque aos quartéis do exército cubano localizados nas cidades de Bayamo e Santiago. Fidel estava na segunda, liderando o ataque ao Moncada, localizado na cidade mítica, onde se desenrolou a batalha que deu a vitória aos cubanos sobre os espanhóis, no ano de 1898. A glória realizada na região oriental da Ilha, naquela etapa colonial, não pôde ser estendida ao país todo, e a subsequente ocupação estadunidense tinha levado aos sucessivos desastres políticos e sociais, contra os quais Castro e seus companheiros se insurgiam.

Toda essa aproximação simbólica encontrava, no plano ideológico, a inspiração em José Martí e na luta anticolonial que combinava o sucesso da superação (ainda que tardia) do domínio espanhol e o fracasso da libertação. No entanto, o espírito do Mártir da Independência estava adormecido e foi a tentativa de despertá-lo que moveu o grupo liderado por Castro na luta contra a Ditadura. A exigência de enfrentar a Batista se inseria em um contexto maior, marcado pela necessidade de

Cuba eliminar graves problemas sociais oriundos do arranjo político-econômico originado sob o domínio estadunidense.

O Ataque ao Moncada repetiu o paradoxo sucesso/fracasso da empreitada do século XIX. De um lado, o Quartel foi rapidamente tomado, com o grupo de Fidel Castro tendo imposto poucas baixas ao exército para ocupá-lo. De outro, a reação das tropas oficiais restabelece o comando e adota uma postura exacerbadamente violenta, utilizando-se de torturas e execuções.

A escassez material dos insurgentes foi determinante para sua derrota. A adesão ao movimento era maior do que a mobilização armada possível naquele momento. Residia aí a prova de que os problemas acumulados eram o combustível para uma disputa de maiores proporções e de que a alma martiniana poderia ser encarnada por uma parte significativa da população cubana.

O plano inicial já continha a previsão de que uma guerra mais extensa era necessária, e o objetivo de adentrar as montanhas da Sierra Maestra estava traçado desde o Ataque. O nacionalismo e a figura de Chibás eram evocados, evidenciando que a ação armada era uma continuidade do conflito político estabelecido na sucessão presidencial. A conquista do Quartel seria o primeiro passo para angariar soldados e oficiais que, identificados com a causa, pudessem restabelecer a ordem constitucional em Cuba.

Fidel abria, portanto, um caminho de disputa do Estado: o Partido, as eleições, o acionamento judiciário, a organização popular armada e a disputa pelo apoio do exército. O Assalto ao Moncada foi, ao mesmo tempo, uma continuidade da luta constitucional – tentativa de restabelecer o direito à participação política – e uma ruptura com a institucionalidade. Mas a resposta do próprio Estado em questão eliminou a aparente contradição, utilizando o Poder Judiciário: legitimou a Ditadura de Batista e desautorizou a contestação armada de Castro, colocando o movimento iniciado, necessariamente, na trincheira para além da Ordem.

A defesa de Fidel Castro – o texto “A História Me Absolverá” – foi a síntese das diretrizes do novo tempo surgido no cenário cubano. Apostava na capacidade de luta do povo cubano, que resgataria a postura das guerras de 1895 e superaria as adversidades materiais que se impunham na resistência ao aparato estatal. E trazia em si uma definição muito clara de povo, livre de ambiguidades:

“Nosotros llamamos pueblo si de lucha se trata, a los seiscientos mil cubanos que están sin trabajo deseando ganarse el pan honradamente sin tener que emigrar de su patria en busca de sustento; a los quinientos mil obreros del campo que habitan en los bohíos miserables, que

trabajan cuatro meses al año y pasan hambre el resto compartiendo con sus hijos la miseria, que no tienen una pulgada de tierra para sembrar y cuya existencia debiera mover más a compasión si no hubiera tantos corazones de piedra; a los cuatrocientos mil obreros industriales y braceros cuyos retiros, todos, están desfalcados, cuyas conquistas les están arrebatando, cuyas viviendas son las infernales habitaciones de las cuarterías, cuyos salarios pasan de las manos del patrón a las del garrotero, cuyo futuro es la rebaja y el despido, cuya vida es el trabajo perenne y cuyo descanso es la tumba; a los cien mil agricultores pequeños, que viven y mueren trabajando una tierra que no es suya, contemplándola siempre tristemente como Moisés a la tierra prometida, para morir sin llegar a poseerla, que tienen que pagar por sus parcelas como siervos feudales una parte de sus productos, que no pueden amarla, ni mejorarla, ni embellecerla, planta un cedro o un naranjo porque ignoran el día que vendrá un alguacil con la guardia rural a decirles que tienen que irse; a los treinta mil maestros y profesores tan abnegados, sacrificados y necesarios al destino mejor de las futuras generaciones y que tan mal se les trata y se les paga; a los veinte mil pequeños comerciantes abrumados de deudas, arruinados por la crisis y rematados por una plaga de funcionarios filibusteros y venales; a los diez mil profesionales jóvenes: médicos, ingenieros, abogados, veterinarios, pedagogos, dentistas, farmacéuticos, periodistas, pintores, escultores, etcétera, que salen de las aulas con sus títulos deseosos de lucha y llenos de esperanza para encontrarse en un callejón sin salida, cerradas todas las puertas, sordas al clamor y a la súplica.”²

Desempregados, trabalhadores do campo, trabalhadores industriais, pequenos agricultores, professores, pequenos comerciantes e profissionais liberais. Uma definição de povo mais ampla do que a clássica aliança proletário-camponesa do debate marxista. Mas, ao mesmo tempo, suficientemente clara em arregimentar para uma mesma trincheira diferentes frações de classe, afetadas pelo quadro de instabilidade, gerado em uma economia estabelecida a partir de vínculos especulativos do capital internacional com as classes de negócio locais.

O povo cubano teria como missão histórica fazer a Revolução, consubstanciada em cinco primeiras leis revolucionárias: 1ª) Reafirmação da Constituição de 1940 e condenação dos traidores da Constituição; 2ª) Reconhecimento do direito de propriedade da terra aos que trabalharam diretamente nela ao longo dos últimos 5 anos; 3ª) Participação dos empregados dos principais ramos de atividade industrial comercial e mineradora em Cuba (açúcar, inclusive) em 30% nos lucros; 4ª) Participação dos trabalhadores do campo em 55% nos rendimentos da cana-de-açúcar e estabelecimento de cotas mínimas para pequenos produtores; 5ª) Confisco de todas as propriedades vinculadas à malversação de recursos, inclusive sociedades anônimas de origem estrangeira, e destinação de 50% dos ativos à administração de trabalhadores e de 50% para a assistência social (hospitais, asilos e casas de beneficência)³.

A redefinição da política externa cubana com vistas à solidariedade e à cooperação com os povos que lutavam contra a tirania, inclusive recebendo asilados políticos e transformando a Ilha em

² CASTRO, Fidel *A História Me Absolverá* [1953], 2007, p. 21.

³ Idem, p. 22.

defensora internacional do direito à liberdade, era outro dos pilares da Revolução. A reforma agrária e a nacionalização do setor elétrico e telefônico (com previsão de devolução do dinheiro de abusos tarifários aos usuários) também estavam previstas no programa revolucionário. Essas três ações buscavam redefinir a posição subserviente ao imperialismo ianque, atitude crucial dentro do pensamento estratégico de José Martí⁴.

É importante destacar que Fidel Castro defendia as medidas revolucionárias a partir da Constituição de 1940:

“Todas estas pragmáticas y otras estarían inspiradas en el cumplimiento estricto de dos artículos esenciales de nuestra Constitución, uno de los cuales manda que se proscriba el latifundio y, a los efectos de su desaparición, la ley señale el máximo de extensión de tierra que cada persona o entidad pueda poseer para cada tipo de explotación agrícola, adoptando medidas que tiendan a revertir la tierra al cubano; y el otro ordena categóricamente al Estado emplear todos los medios que estén a su alcance para proporcionar ocupación a todo el que carezca de ella y asegurar a cada trabajador manual o intelectual una existencia decorosa. Ninguna de ellas podrá ser tachada por tanto de inconstitucional.”⁵

E sintetizava os principais problemas vividos por Cuba, a serem enfrentados pela Revolução:

“El problema de la tierra, el problema de la industrialización, el problema de la vivienda, el problema del desempleo, el problema de la educación y el problema de la salud del pueblo; he ahí concretados los seis puntos a cuya solución se hubieran encaminado resueltamente nuestros esfuerzos, junto con la conquista de las libertades públicas y la democracia política.”⁶

A cada um desses problemas, Fidel Castro passava a identificar a profundidade e os obstáculos de cada desafio a ser enfrentado pela Revolução. A geração das dificuldades era fruto da permanência de uma estrutura econômica colonial, isto é, predominantemente exportadora de matérias-primas e importadora de bens industrializados⁷. A partir dessa situação, a economia cubana perdia grande parte do excedente econômico que poderia ser utilizado para combater a precariedade material que atingia o povo cubano.

Devido aos seus compromissos com a classe proprietária, a postura do Estado era antagônica à atitude exigida para a superação da situação: a incapacidade de tributar e influenciar diretamente na geração do excedente impedia a resolução dos seis problemas destacados. As alianças de negócios com os Estados Unidos submetiam a geração de emprego e o provimento dos serviços públicos à

⁴ O texto faz referência também à Reforma Educacional, também inspirada na tradição martiniana.

⁵ Idem, p. 23.

⁶ Idem, ibidem

⁷ Idem, ibidem.

lógica do lucro, o que era incompatível com o enfrentamento das questões denunciadas. Mudanças radicais eram exigidas pelo quadro social de ampla gravidade, ameaçando as gerações futuras:

“De tanta miseria sólo es posible liberarse con la muerte; y a eso sí los ayuda el Estado: a morir. El noventa por ciento de los niños del campo está devorado por parásitos que se les filtran desde la tierra por las uñas de los pies descalzos. La sociedad se conmueve ante la noticia del secuestro o el asesinato de una criatura, pero permanece criminalmente indiferente ante el asesinato en masa que se comete con tantos miles y miles de niños que mueren todos los años por falta de recursos, agonizando entre los estertores del dolor, y cuyos ojos inocentes, ya en ellos el brillo de la muerte, parecen mirar hacia lo infinito como pidiendo perdón para el egoísmo humano y que no caiga sobre los hombres la maldición de Dios. Y cuando un padre de familia trabaja cuatro meses al año, ¿con qué puede comprar ropas y medicinas a sus hijos? Crecerán raquíticos, a los treinta años no tendrán una pieza sana en la boca, habrán oído diez millones de discursos, y morirán al fin de miseria y decepción. El acceso a los hospitales del Estado, siempre repletos, sólo es posible mediante la recomendación de un magnate político que le exigirá al desdichado su voto y el de toda su familia para que Cuba siga siempre igual o peor.”⁸

Com a gravidade da crise social descrita e considerados os compromissos da classe política, a convivência dos poderes constituídos pelo povo e a repressão das forças armadas, Fidel Castro defendia o direito de insurgência. Recorria a amplas vertentes, desde a clássica ocidental, reafirmada pelos pensadores da modernidade e por liberais burgueses, até as ideias de civilizações orientais antigas. E finalizava a defesa, que se confundia com a sua própria, evocando os mártires da Independência, sempre destacando José Martí, notadamente sua principal influência:

“Parecía que el Apóstol iba a morir en el año de su centenario, que su memoria se extinguiría para siempre, ¡tanta era la afrenta! Pero vive, no ha muerto, su pueblo es rebelde, su pueblo es digno, su pueblo su fiel a su recuerdo; hay cubanos que han caído defendiendo sus doctrinas, hay jóvenes que en magnífico desagravio vinieron a morir junto a su tumba, a darle su sangre y su vida para que él siga viviendo en el alma de la patria. ¡Cuba, qué sería de ti si hubieras dejado morir a tu Apóstol!”⁹

O discurso de Fidel Castro navega em mares distintos do pensamento clássico socialista. O próprio termo “socialista”¹⁰ aparece apenas uma vez em “A História Me Absolverá” para se referir ao uso social da terra como princípio norteador da Constituição de 1940 na questão. Tratou de buscar um discurso inspirado nos próprios libertadores cubanos, nos teólogos e no pensamento ocidental, com várias referências ao liberalismo ianque para defender a Revolução Cubana.

Ao mesmo tempo, o corte de classe do discurso de Fidel está posto: “povo” é utilizado como um conceito precisamente definido, inclusive em termos estatísticos e demográficos. Do mesmo modo, “proprietários”, “trustes” e “sociedades anônimas” são vinculados a geração, recorrência e irresolução de problemas. Destarte, em “A História Me Absolverá”, a Revolução Cubana constituía-

⁸ Idem, p. 28.

⁹ Idem, p. 54.

¹⁰ Idem, p. 53

se na tomada do Estado pelo povo, através da insurgência armada, redefinindo as posturas em relação aos proprietários, elevando a participação de trabalhadores em decisões político-econômicas e em rendimentos.

O caráter anti-imperialista do movimento era evidente e ganhava importância nas medidas defendidas por Castro. Os trustes estavam umbilicalmente ligados à pobreza dos trabalhadores, à ausência de infraestrutura e à concentração fundiária. A transformação de Cuba passava, imprescindivelmente, pelo enfrentamento às empresas transnacionais, seja pela restrição de suas atividades, seja pela intervenção estatal em seus altos lucros.

A despeito do contato com as obras de Marx, Engels e Lênin na juventude, o caráter do processo iniciado em 26 de Julho não empunhava bandeiras clássicas do comunismo¹¹. Fidel Castro guardava distanciamento dos partidos mais próximos ao *bureau* político de Moscou, em razão tanto de sua pouca penetração na sociedade cubana como da dificuldade da militância comunista em dialogar com as massas no referido contexto. Pode-se afirmar seguramente que o início das ações tinha em vista uma revolução de cunho nacionalista (anti-imperialista), republicana (constitucionalista) e popular (radicalmente democrática), com forte apelo à redução da influência do capital nas definições dos rumos da sociedade cubana.

É fato que tanto pequenos comerciantes quanto profissionais liberais estão compreendidos no conceito de “povo” estabelecido por Fidel. Assim como a luta pela industrialização está claramente no centro das preocupações econômicas do texto “A História Me Absolverá”. Todavia o enquadramento nos termos “burguês” ou “pequeno-burguês” em nada tem aderência com a realidade.

A despeito da preocupação com a atividade industrial e da encampação de setores vinculados à pequena burguesia, o que está em jogo é um projeto de combate à dependência externa e à segregação social. A industrialização e as reformas estruturais entravam como parte dessa estratégia, que poderia ser sintetizada em uma revolução contra o subdesenvolvimento, ou seja, uma luta para a superação do passado colonial. Não se trata nem de criação de um espaço de acumulação para uma burguesia nacional, nem de reformas que visassem ao bem-estar de uma pequena camada superior das frações de classes urbanas.

¹¹ Veja-se, a esse respeito, RAMONET, Ignácio *Fidel Castro: Biografia a Dos Voces* [2004], 2011.

É o projeto nacional-constitucionalista-popular que deu a Castro a motivação de afirmar, em sua saída para o exílio, a famosa frase: “Em 1956 seremos heróis ou mártires!”. Naquele momento, em 1955, quando se fundava o Movimento 26 de Julho (M-26-7), o contexto cubano estava bastante agitado: embora Batista apostasse na manutenção da ordem através da força, gestava-se um período insurrecional de grandes proporções. Fidel Castro encaminhou-se para o exílio voluntário no México e repetiu a trajetória de Mella, combinando uma oculta e consciente estratégia política marxista-leninista ao legado dos libertadores Martí, Gomez e Maceo. Planejou-se, a partir dessa síntese, um desembarque na Sierra Maestra – na região chamada de heroica pelos mártires da Independência, o Oriente, cuja capital é Santiago –, objetivando o início de uma guerra de guerrilhas, articulada a movimentações urbanas nas cidades (que incluíam a tática da greve geral), nas quais o M-26-7 buscava a liderança.

É também indubitável que a combinação das ações e denúncias colocava Fidel e as lideranças do M-26-7 no papel daquilo que Lênin afirmara como o da vanguarda revolucionária. O ensaio “O Que Fazer” tornara-se o livro de cabeceira dos rebeldes, dentro e fora do exército guerrilheiro:

“Só o partido que organizar campanhas de denúncias que realmente interessem a todo o povo poderá se tornar, em nossos dias, a vanguarda das forças revolucionárias. As palavras “a todo o povo” encerram um grande conteúdo. A imensa maioria dos denunciadores que não pertencem à classe operária (pois para ser vanguarda é preciso justamente atrair outras classes) é de políticos realistas e pessoas sensatas e práticas. Eles sabem muito bem que, se é perigoso “queixar-se” de um modesto funcionário, é muito mais perigoso enfrentar o “onipotente” governo russo. Por isso só trarão suas queixas a nós quando tiverem certeza de que elas podem surtir efeito, que nós representamos uma força política. Para nos tornarmos uma força política aos olhos do público é preciso trabalhar muito e com persistência para elevar nosso grau de consciência, nossa iniciativa e nossa energia; não basta colar o rótulo de “vanguarda” sobre uma teoria e uma prática de retaguarda. (...)”

... um dos traços mais marcantes do economicismo é justamente não compreender (...) o fato de que a necessidade mais urgente do proletariado (educação política em todos os aspectos, por meio da agitação política e das campanhas de denúncias) coincide com idêntica necessidade do movimento democrático como um todo.”¹²

Castro e o M-26-7 colocavam-se em posição estratégica, capazes de captar toda a onda de insatisfação contra o regime autocrático de Batista e promover ações políticas que educavam politicamente toda a população cubana, inclusive o próprio Movimento. É nesse sentido que o estabelecimento da guerrilha na Sierra Maestra, contando, inicialmente, com os 18 sobreviventes dos 82 tripulantes iniciais do Granma, deve ser interpretado: como o momento em que se pode formar uma vanguarda revolucionária e um povo revolucionário. Evidentemente, essa interpretação

¹² LENIN, Vladimir Ilitch, *Que Fazer? A Organização como Sujeito Político* [1902], 2006, pp. 204-205.

não restringe a fase crucial da Revolução Cubana à guerrilha rural, nem a coloca como um apêndice de um processo assemelhado ao “padrão clássico”, urbano-proletário.

Como afirma Florestan Fernandes:

“O mais importante para nós, na via cubana, não está na guerrilha, mas no modo pelo qual os guerrilheiros conquistam o apoio dos camponeses e proletários agrícolas para a revolução. Um partido revolucionário de grande porte terá de chegar ao exército do povo e à guerrilha quando a guerra civil se tornar uma guerra civil a quente, de escala nacional. Dar prioridade à guerrilha seria quando menos infantil, desde que as revoluções não se reitem enquanto história, mas em suas estruturas, no que elas possuem em comum graças à luta de classes.”¹³

A partir do excerto acima destacado e das considerações anteriores, gostaríamos de ficar equidistantes de duas interpretações anteriormente citadas. O primeiro ramo de explicação de que buscamos distância é o de Régis Debray, que identifica exclusivamente no foco guerrilheiro a grande força revolucionária de Cuba e na inversão da relação histórica entre partido e guerrilha o fato a ser ressaltado e exportado a partir do processo cubano¹⁴. O segundo é o da tentativa de Ruy Mauro Marini e Vânia Bambirra¹⁵ em aproximar a experiência cubana à experiência russa, objetivando com essa interpretação negar as teses de Debray e exaltar um determinado modelo natural ou mecânico de revolução, que tem sua ancoragem na vanguarda proletária e urbana, aliada aos camponeses, assim como uma participação decisiva de um partido de ideologia socialista ou comunista.

É preciso se salientar que o processo revolucionário, como ressalta o trabalho de Bambirra, não se resume ao exército e à guerrilha rural. Da mesma forma, é preciso reconhecer, como faz Debray, que há uma especificidade no processo cubano: a guerrilha não deriva de um partido revolucionário formalmente constituído, que passa da luta dentro da Ordem para a luta contra a Ordem. Mas não estamos diante dos fatos centrais que explicam o êxito da empreitada liderada por Fidel Castro e sua radicalização rumo ao socialismo.

De fato, o processo revolucionário visto desde o seu nascedouro antecede à guerrilha rural, uma vez que Fidel Castro se insurge contra a Ditadura de Batista dentro da institucionalidade burguesa, disputando, como já afirmamos, os espaços dentro do Estado. A luta nasce dentro da Ordem, mas essa etapa é encurtada, devido à rigidez da política em Cuba, que padece tanto de uma crise dos partidos de representação da débil burguesia e da oligarquia interna quanto de um distanciamento

¹³ FERNANDES, Florestan, *O Que É Revolução?*, 1981, p. 70.

¹⁴ DEBRAY, Régis “Revolución en La Revolución” In *Revista Casa de Las Américas*, n. 31, julho/agosto, 1965.

¹⁵ BAMBIRRA, Vânia *La Revolución Cubana: Una Reinterpretación* [1973], 1974. A posição de Marini, mais caricatural que a de Bambirra, está contida no prefácio da referida obra.

do povo por parte dos partidos de orientação progressista e proletária (esses últimos com forte tendência ao dogmatismo e adesão às teses stalinistas de apoio à burguesia nacional – fração de classe inexistente ou irrelevante em Cuba). Fidel atua nesse momento como Dom Quixote, a guerrear contra um Golpe de Estado sem poder contar com a compreensão política de grupos relevantes, a despeito de uma suposta reorganização do Partido Ortodoxo que pudesse viabilizar suas bandeiras.

Da mesma forma, criaram-se as condições para uma luta para além da Ordem estabelecida, a partir do momento em que o Ataque ao Moncada, a despeito da postura constitucionalista de Castro, passou a ser interpretado como uma ameaça à estabilidade garantida por intermédio do Golpe de Estado, que favorecia as classes proprietárias internas e internacionalizadas. Na formulação do programa revolucionário, a defesa da reorientação da intervenção estatal rumo ao enfrentamento do latifúndio, do capital internacional e da burguesia coloca a fundação do M-26-7 como um episódio de uma luta anticapitalista e anti-imperialista. Em que pese a transição para uma luta para além da Ordem, a especificidade cubana está no conteúdo ideológico vinculado à nação e não, propriamente, em um discurso de classe, pois a Ordem que está para ser destruída é de caráter colonial/neocolonial, e a Ordem a ser construída está calcada na busca pela soberania, na ideia de povo e no apoderamento do excedente social¹⁶.

Fidel, líder de seu tempo, está, nesse momento, diante de uma vanguarda nacionalista e popular, ou seja, radicalmente democrática. É essa postura que vai se aprofundar durante o período da guerrilha, com contribuições significativas do movimento clandestino e de organizações de trabalhadores urbanos. Mas é a relação entre guerrilheiros e trabalhadores do campo que vai permitir o avanço do processo revolucionário.

A formação de uma vanguarda e de um povo revolucionários vai-se assentar na capacidade de ambos reacenderem a agenda interrompida no processo de emancipação política da Ilha. O despertar do espírito do Apóstolo levou, necessariamente, à formulação de um programa que pudesse enfrentar os problemas oriundos da estrutura de colonização em Cuba: o latifúndio, a produção de grande escala para exportação e as relações de trabalho baseadas na dominação extraeconômica. Mesmo os grupos urbanos estavam contaminados por esse quadro, uma vez que a urbanização e o débil processo de proletarização se deram sobre essa gênese e se desenrolaram sem romper e eliminar as marcas coloniais, mas, antes, combinando-se a elas.

¹⁶ Veja-se a esse respeito RAMONET, Ignácio, *op. cit.*

Era essa estrutura que favorecia a extração do máximo de excedente possível, acarretando a posição subalterna na economia mundial e promovendo a vida relativamente abastada das classes proprietárias na Ilha. A partir daí se constrói um regime exclusivista na política, vedando-se o acesso do povo cubano aos centros decisórios e à discussão das questões nacionais. O apoio a Batista e a ações autoritárias advinham exatamente do risco de se descongelar a descolonização¹⁷, embutido nos processos de contestação gestados no período que se iniciou com a Crise de 1929.

Foi a relação entre os guerrilheiros e os trabalhadores rurais que possibilitou consolidar não só o que fazer, mas também o como fazer para avançar o processo revolucionário. E nesse ponto se fundia o enfrentamento ao latifúndio e ao imperialismo como tarefas inescapáveis do processo revolucionário. E o método do enfrentamento exigia indubitavelmente a democratização e a valorização do povo cubano no confronto com a aliança de oligarquias, classes de negócios locais e burguesias internacionalizadas.

A atuação de Fidel será fundamental para a sincronização dos termos de disputas, reafirmando compromissos junto aos trabalhadores do campo e da cidade, e, a partir disso, estabelecendo uma relação de confiança e atitudes recíprocas, atuando como Che afirmou: uma força da natureza.

“... o grau dessa confiança que ele conquistou está em função precisamente da interpretação cabal dos desejos do povo, de suas aspirações, da luta sincera que ele travou para o cumprimento das promessas feitas”¹⁸

É essa relação o primeiro dos fundamentos para explicar a vitória da revolução cubana, que dificilmente pode ser replicada, abandonando pretensas teorias de repetição: sejam as que ressaltam uma nova teoria revolucionária a partir de Cuba – calcada nos fuzis do campo –, sejam aquelas que a enquadram em uma teoria mecânica de revolução, – uma mera reexecução dos passos bolcheviques:

“Reconhecemos que a peculiaridade da revolução cubana é dada por fatos excepcionais. (...)

O primeiro, talvez o mais importante, o mais original, é esta força da natureza chamada Fidel Castro Ruz, que em poucos anos alcançou projeção histórica. O futuro saberá avaliar nosso primeiro-ministro. Mas, para nós, ele se iguala às mais altas figuras da história da América Latina. Quais as circunstâncias excepcionais que cercam a personalidade de Fidel Castro? Existem várias características em sua vida e em sua personalidade que o fazem sobressair nitidamente entre todos os companheiros e seguidores. Fidel tem uma personalidade tão forte, que o leva liderar qualquer movimento do qual participe. Foi isso que aconteceu ao longo de toda a sua vida, desde sua época de estudante até o momento em que se tornou o primeiro homem de nossa pátria e o líder dos povos oprimidos da América. Suas

¹⁷ FERNANDES, Florestan, *Poder e Contrapoder na América Latina*, 1981a.

¹⁸ GUEVARA, Ernesto “Che” “O Socialismo e o Homem em Cuba” [1965] em SADER, Éder (org.) *Che Guevara – Política*, 2004, p. 249.

características de grande líder, somadas às suas características pessoais de audácia, força e valor, à sua extraordinária ansiedade de estar sempre respondendo aos anseios do povo, levaram-no a este lugar de honra e de sacrifício que está ocupando hoje. Outras qualidades importantes de Fidel são sua capacidade de assimilar os conhecimentos e as experiências, de compreender todo o conjunto de uma situação dada sem perder de vista os detalhes, sua fé enorme no futuro, sua amplitude de visão para prever os acontecimentos e antecipar-se aos fatos, vendo sempre mais longe e melhor que seus companheiros. Graças à sua capacidade de aglutinar, unir – opondo-se à divisão que enfraquece – de dirigir a ação do povo; seu amor profundo por ele; graças a fé profunda no futuro e à sua capacidade de prevê-lo, Fidel fez por Cuba mais do que ninguém para construir do nada o aparato formidável que é hoje a Revolução Cubana.”¹⁹

A relação de confiança entre Fidel e o povo cubano constrói-se, entre outros fatores, porque o líder da Revolução Cubana, já na Sierra Maestra, acelera a Reforma Agrária, constituindo-se a primeira lei que foge ao cunho estritamente militar, derivada da atuação do exército revolucionário. Sobre esse último repousa também boa parte da fidúcia, uma vez que a postura ética dos combatentes foi fundamental para estabelecer um aprendizado revolucionário para guerrilheiros trabalhadores do campo, que passaram a pautar suas atitudes em conformidade com a formação de uma nova ordem. O início da suplantação do individualismo, da autocracia e da especulação colonial passa, indubitavelmente, por uma nova maneira de lidar com o território e seus habitantes, construída a partir da Serra.

A chegada ao poder e a materialização do programa revolucionário contido em “A História Me Absolverá” permitirão uma mudança no processo de transformação. Fidel Castro repete, em relação aos EUA, uma estratégia assemelhada àquela utilizada no enfrentamento à Ditadura: a primeira tentativa é a manutenção da diplomacia, pautada na tentativa de convencimento de que a Reforma Agrária, as nacionalizações e as estatizações das forças produtivas eram um direito soberano, um ajuste de contas necessário com a história de Cuba. Contudo a resposta ianque traduz-se em uma agressividade mais aguda do que a utilizada por seus sócios menores da elite cubana, e o resultado é a rápida evolução à etapa declaradamente socialista da Revolução.

O discurso do líder, em 2 dezembro de 1961, transmite a mesma didática de suas ações, desnudando a estratégia da Revolução Cubana:

“Nós escolhemos o único caminho honrado, o único caminho leal que podíamos seguir com nossa pátria, e de acordo com a tradição dos *mambises* (geração dos insurgentes contra a Espanha), de acordo com a tradição de todos que lutaram pelo bem do nosso país. Esse é o caminho que seguimos: o caminho da luta anti-imperialista, o caminho da revolução socialista. Porque, por outro lado não cabia nenhuma outra posição (...)

Ou seja: a nacionalização de todas as grandes indústrias, dos grandes comércios. A nacionalização e a propriedade social dos meios fundamentais de produção e o

¹⁹ GUEVARA, Ernesto “Che” “Cuba: Exceção Histórica ou Vanguarda na Luta Anticolonialista?” [1962], em SADER, Éder (org.) *Che Guevara – Política*, 2004, pp. 58-59.

desenvolvimento planejado da nossa economia a todo o ritmo que permitem nossos recursos, e nos permitir a ajuda que estamos recebendo do exterior. (...)

Porque existe apenas uma revolução. Essa é a grande verdade dialética da humanidade: o imperialismo, e, diante do imperialismo, o socialismo.”²⁰

É a partir do caso cubano e da liderança de Fidel que se estabelece um perfil estratégico de revolução na América Latina: **a insurgência nacional, estabelecida sem a burguesia** – que não se constitui como nacional, devido à sua debilidade no padrão de luta de classes que marca as sociedades de passado colonial –, **transforma-se em construção do socialismo**. O amálgama das duas fases é a radicalidade do conteúdo nacional que se opõe à aliança entre imperialismo e classes proprietárias locais – forjada a partir da herança colonial e calcada em relações de dominação que combinam coerção explícita (extraeconômica) e implícita (econômica). A junção entre o capital internacional e as classes de negócios locais é fundamental para garantir a reprodução do modo de produção capitalista, o que transforma necessariamente a batalha anticolonial em construção do socialismo, confirmando a unicidade da Revolução Cubana.

“Que socialismo devemos aplicar? O socialismo utópico? Tínhamos, simplesmente, que aplicar o socialismo científico. Por isso comecei dizendo com toda a franqueza que acreditávamos no marxismo, que acreditávamos que é a teoria mais correta, mais científica, a única teoria revolucionária verdadeira. Digo isso aqui com total satisfação e total confiança: sou marxista-leninista e serei marxista-leninista até o último dia de minha vida.”²¹

É importante dizer que o valor dessa declaração de Fidel Castro não pode ser superestimado, assim como as nacionalizações e estatizações e, mesmo, a Reforma Agrária. Trata-se de discurso e ações que, em si, não podem afirmar o caráter socialista da Revolução. É a somatória das atitudes coerentes aos compromissos firmados na Serra, os anteriores assumidos em “A História Me Absolverá” e o contexto das declarações de Fidel, proferidas após abril de 1961, que permitem sintetizar os desafios da Ilha, que tinham ainda em si elementos democrático-nacionais, inclusive.

“Companheiros operários e camponeses, esta é a revolução socialista e democrática dos humildes, com os humildes, e pelos humildes e para os humildes.”²² Esse lema, diversas vezes proferido por Castro é exemplar das especificidades das transformações levadas a cabo a partir de 1959 a que fazemos referência. O termo “humildes” é amplo o suficiente para contemplar todas as camadas da população excluídas do processo de proletarização do campo e da cidade; o adjetivo “democrático”

²⁰ CASTRO, Fidel “De Martí a Marx” [1961] In LÖWY, Michael *O Marxismo na América Latina: Uma Antologia de 1909 aos Dias Atuais*, 1999, p. 273.

²¹ Idem, p. 274.

²² CASTRO, Fidel “Revolução Socialista e Democrática em Cuba”, [1961] In LÖWY, Michael *O Marxismo na América Latina: uma antologia de 1909 aos dias atuais*, 1999, p. 264.

traça o desafio de promover a participação do povo na história de seu país; e a definição “socialista” expõe a luta anticapitalista e a busca iniciada pelo comunismo.

No plano das ações, o desenvolvimento das forças produtivas, a ampliação da participação popular nas decisões e o enfrentamento à propriedade privada apresentavam-se no contexto como tarefas inescapáveis e longe de serem equacionadas. A novidade residia em identificar as necessidades e possibilidades da concretização de tais metas. É importante ressaltar a tensão permanente que existe entre a afirmação nacional em um ambiente internacional marcado pela concorrência e a urgência da superação da ordem do capital.

A grande vitória, no entanto, advém do fato de que a identidade cubana passa a ser o socialismo. A partir da transformação do sentimento nacional em obsessão por superar o modo de produção capitalista, o processo metamorfoseia-se em força histórica, dificilmente reversível. A crença na viabilidade e a concretude da revolução permitirão uma caminhada de décadas.

O papel de Fidel Castro, desse ponto em diante, transforma-se de maneira definitiva. Como o processo avança em virtude de decisões estratégicas tomadas a partir da figura do líder e da vanguarda, a prova histórica passa a ser a capacidade de, de um lado, estabelecer veículos de transmissão das decisões da vanguarda para a massa dos humildes e, de outro, manter uma posição democrática o bastante para tornar possível a inversão do processo ao longo da história. A tarefa ganha complexidade, pois a Fidel tem de ser, ao mesmo tempo, o farol da democratização e o denunciante dos limites da revolução – que deve consumir a si mesma, e projetar o comunismo, elevando, à última potência, a consciência proletária.

Nas palavras de Florestan Fernandes:

“O que mais atrai a atenção é que Fidel Castro, cuja personalidade se converteu em fator histórico do desencadeamento e estabilização da revolução, raramente se identifica com o proletário e o proletariado (ao contrário dos grandes revolucionários comunistas, que assumem esse simbolismo livremente). Fidel Castro dirige-se, de preferência, aos ‘humildes’, ao ‘povo’ e, com menor frequência, aos ‘trabalhadores’. E guarda uma decorosa reserva psicomoral, que inibe sua projeção política no eu do proletário e no nós do proletariado. (...) Mesmo assim, é possível acompanhar-se, pelas críticas sinceras e explosivas de Fidel Castro, o grau de limitação teórica dos dirigentes.”²³

As dificuldades do discurso refletiam obstáculos concretos, frutos do necessário duplo movimento que originou a Revolução:

²³ FERNANDES, Florestan *Da Guerrilha ao Socialismo: A Revolução Cubana* [1979], 2007, 319

“A opção pelo socialismo fixou-se, em Cuba, como parte da síndrome anticolonialista e anti-imperialista. (...) O povo cubano converteu a revolução numa forma suprema de afirmação nacional, o que contribuiu para tornar o socialismo uma realidade histórica irreversível. Em consequência, o orgulho nacional entra em jogo tanto na defesa do socialismo quanto na ambição definitiva de fazer da revolução cubana uma manifestação exemplar do socialismo. (...)

Há, pois, uma raiz histórica na posição tomada por Fidel Castro com referência à simultaneidade dos dois estágios (a negação utópica está arraigada no ‘povo trabalhador’, embora ela não seja sofisticada, e se manifesta contra o passado, que a revolução já destruiu, e pela superação do presente, que a revolução está construindo)”²⁴.

E nesse sentido, concordamos com a conclusão do autor:

“Por suas dificuldades e contradições talvez ela seja a mais difícil entre as ‘revoluções socialistas difíceis’ de nossa época. Não obstante, ela se obriga à negação tópica, aplicando-se as normas de exemplaridade e de superação que são sua marca peculiar. Ela não procura ser tão somente socialista, mas socialista em busca do comunismo, isto é, ela relativiza os fins imediatos e absolutiza os fins mais ou menos longínquos, de larga duração. Para muitos essa seria uma dimensão irrealista da revolução cubana, o preço que ela paga ao ‘idealismo’ de revolucionários amadores. Todavia, a América Latina ficou tão presa ao imobilismo das revoluções burguesas em atraso e ao bloqueio imperialista do atual capitalismo monopolista que seria melhor enxergar nesse extremismo maduro o ímpeto indomável da eclosão proletária.”²⁵

Ao duro tempo vivido pelos cubanos e à radicalidade do lucro baseado na superexploração, Fidel ousou liderar uma heresia na América Latina: a partir de uma situação neocolonial, liderou uma revolução mais dura e mais radical do que se pode observar no século XX, em particular em nosso continente latino-americano. No entanto, seguiu o que seu companheiro Ernesto “Che” Guevara afirmara: endureceu sem jamais perder a ternura. Colheu flores como resultado, isto é, possibilitou a emergência de seu povo na história e conquistou a imortalidade na memória daqueles que acreditam na luta pelo socialismo, etapa necessária da longa construção do comunismo.

²⁴ Idem, p. 323.

²⁵ Idem, p. 324.

Referências Bibliográficas:

BAMBIRRA, Vânia *La Revolución Cubana: Una Reinterpretación* [1973]. México: Editorial Nuestro Tiempo, 1974.

CASTRO, Fidel “Revolução Socialista e Democrática em Cuba”, [1961] In LÖWY, Michael *O Marxismo na América Latina: Uma Antologia de 1909 aos Dias Atuais*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 1999.

_____. “De Martí a Marx” [1961] In LÖWY, Michael *O Marxismo na América Latina: Uma Antologia de 1909 aos Dias Atuais*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 1999

_____. *A História Me Absolverá* [1953]. Caracas: Editora da Universidade Bolivariana de Venezuela, 2007.

DEBRAY, Régis “Revolución en La Revolución” In *Revista Casa de Las Américas*, n. 31, julho/agosto, 1965.

FERNANDES, Florestan *O Que É Revolução?* São Paulo: Editora Brasiliense, 1981.

_____. *Poder e Contrapoder na América Latina*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981a.

_____. *Da Guerrilha ao Socialismo: A Revolução Cubana* [1979]. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2007.

GUEVARA, Ernesto “Che” “Cuba: Exceção Histórica ou Vanguarda na Luta Anticolonialista?” [1962], em SADER, Éder (org.) *Che Guevara – Política*. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2004.

_____. “O Socialismo e o Homem em Cuba” [1965] em SADER, Éder (org.) *Che Guevara – Política*. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2004.

LENIN, Vladimir Ilitch *Que Fazer? A Organização como Sujeito Político* [1902]. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2006.

RAMONET, Ignácio *Fidel Castro: Biografia a Dos Voces* [2004]. Barcelona: Debate, 2011.